

neos; b) o *conceptualismo*, reconhecendo a existência mental aos universais, nega ou minimiza o seu valor objectivo. Assim, de modos entre si muito diferentes, Ockham, Kant e os modernos anti-intelectualistas; c) o *realismo* exagerado vai ao extremo de afirmar a existência de realidades universais, independentemente do nosso conhecimento; quer fora dos seres particulares — as «ideias» de Platão —, quer nos indivíduos, como afirmou Guilherme de Champeaux e talvez, em certa medida, Duns Escoto; d) finalmente, o *realismo moderado* afirma que o valor objectivo do conceito universal está em que ele exprime algo que existe realmente nos seres individuais de que se predica; não como uma existência formalmente universal mas sim identificado com os princípios individuais desses seres, a partir dos quais o conceito é obtido por uma *abstracção* precisiva total, completada por uma *comparação* simples, que torna patente a predicabilidade universal do conceito; por outras palavras, o realismo moderado afirma a objectividade dos universais quanto *ao que* exprimem ou representam mas não quanto *ao modo como* isso é conhecido pelo homem. Mais ou menos esboçada por Aristóteles e outros autores clássicos, e de certo modo prefigurada no «sermonismo» de Abelardo, esta doutrina foi claramente exposta e demonstrada por Alberto Magno e Tomás de Aquino, tornando-se a mais geralmente aceite, mesmo por autores que não a professam explicitamente.

BIBLIOGRAFIA: M. Liberatore, *Traité de la connaissance intellectuelle d'après S. Thomas d'Aquin* (trad.), Paris, 1885; H. Dehove, *Essai critique sur le réalisme thomiste comparé à l'idéalisme*, Lille, 1907; C. Giacon, *G. di Occam*, Milão, 1941; J. Van Iken (ed.), *The problem of universals*, Nova Iorque, 1970 (com abundante bibl., pp. 269-282); J. Maréchal, *Le Point de départ de la métaphysique, passim*.

## UNIVERSAL E UNIVERSAL CONCRETO

Universal diz-se como adjectivo e como substantivo. No primeiro caso, aplica-se a um outro termo e indica que este se estende ao Universo na sua amplitude total, ou que se refere a um conjunto na totalidade das entidades nele compreendidas, opondo-se em ambos os modos a

«particular» (um ou alguns elementos de um conjunto). O U. adquire um sentido específico no domínio da *Lógica*, enquanto atributo de proposições ou juízos em que o sujeito é tomado em toda a sua extensão. No segundo caso, designa o que tem um carácter de universalidade lógica, opondo-se então a «geral» (a maior parte dos elementos de um conjunto). Nesse sentido, o emprego do termo no singular é raro, sendo comum a sua forma plural de «universais» (cuja problematização, diversa, é fundamentalmente de índole ontológica).

O U. é também frequentemente considerado como abstracto, conceptualização que se define na metafísica aristotélica e que a escolástica confirma ao atribuir-lhe o sentido de «geral». Contrariando esta posição dominante na história da Filos., Hegel afirma que U. (*Allgemeines*) tanto pode ser dito abstracto (*Abstrates*) como concreto (*Konkretes*), vindo ele próprio a utilizar a expressão universal concreto, cujo sentido se torna fundamental no seu sistema. O universal concreto corresponde, no plano metafísico, ao momento supremo da dialéctica do ser e do pensar, à síntese da realidade e da verdade, à ideia, realidade absoluta enquanto pensada.

O entendimento do U. C. alcança-se no âmbito da teoria hegeliana do *conceito* (*Begriff*), exposta em *Wissenschaft der Logik*. Teoria complexa, condensa-se na enunciação dos três momentos que o conceito contém — universalidade (*Allgemeinheit*), particularidade (*Besonderheit*) e individualidade (*Einzelheit*) — e das suas mútuas relações. Estes momentos assinalam também as principais etapas do movimento pelo qual o conceito se realiza, pelo que, no seu intrínseco devir, vão sucessivamente implicar a negação, exigir a mediação e realizar a existência efectiva. Brevemente, verificamos que ao nível da existência imediata das coisas apenas nos é possível formular representações ou conteúdos de pensamento, de natureza subjectiva, imperfeita, finita. Não obstante, unimos a existência das coisas à sua natureza universal numa identidade das suas determinações. Trata-se, então, de um «universal abstracto», que, como tal, se refere ao

comum, não contemplando qualquer particularidade. Deste modo, o U. é negado pelo particular, o qual, por sua vez, vindo também ele a ser negado, mediatiza a passagem para um U. que já contém o particular (afirmação mediatizada pela negação de uma negação). Assim se reintroduz o individual no conceito, no U., graças a um carácter particular, a uma determinação agora unida ao U. O conceito deve ser colocado fora de si para vir a reencontrar-se já não como puro conceito mas como realidade efectiva. Não se trata mais de um U. abstracto (vazio), mas sim do U. C. (completo), U., porque susceptível de um número infinito de aplicações; completo por constituir uma totalidade única e indivisível.

A noção de U. C. veio a ser posteriormente adoptada, quer por autores mais ou menos influenciados por Hegel (sobretudo no âmbito da fenomenologia), quer por pensadores de formação intelectual diversa (como os espiritualistas), tornando-se bastante comum na filos. contemporânea. A sua significação, que, consequentemente, se diversificou, mantém ainda o traço original e hoje o U. C., na sua acepção mais ampla, designa a unidade real da integralidade do individual na sua autenticidade plena.

BIBLIOGRAFIA: G. Noël, *La logique de Hegel*, 1897; J. Hyppolite, *Genèse et structure de la phénoménologie de l'esprit de Hegel*, 1946; id., *Logique et existence. Essai sur la logique de Hegel*, 1962; *Wissenschaft der Logik*, 1952 (coleção «Philosophische Bibliothek»); T. Litt, *Hegel. Versuch einer Kritischen Neuerung*, 1953; *Hegel — Lexikon*, 1957; C. Bruaire, *Logique et religion chrétienne dans la philosophie de Hegel*, 1964; H. F. Fulda, *Das Probleme einer Einleitung in Hegels Wissenschaft der Logik*, 1965; E. Fleischmann, *La Science universelle ou la logique de Hegel*, 1968; E. Fink, *Hegel. Phänomenologische Interpretationen der «Phänomenologie des Geistes»*, 1977; B. Lakebrink, *Kommentar zu Hegels «Logik» in seiner «Enzyklopädie» von 1830*, vol. III, 1985; K. Comoth, *Die Idee als Ideal, Trias und Triplizität bei Hegel*, 1986.

M. Patrão Neves

## UNIVERSALISMO

Concepção da sociedade oposta ao individualismo. Presente, em grau e sob modalidades diversas, em Platão, no idealismo alemão, no Romantismo, etc., foi sistematicamente elaborada por O. Spann.

## UNIVERSIDADE

A universidade, como instituição que elabora e mantém vivos os conhecimentos de ordem teórica, é uma criação europeia nascida na Idade Média e designada *studium generale*, uma corporação (*Universitas magistrorum et scholarium*) dotada de uma carta pontifícia que lhe garante as suas liberdades e administrando-se a si mesma. Engloba a Faculdade das Artes, correspondente ao nosso ensino secundário, que ensinava o *trivium* (Gramática, Retórica e Dialéctica) e o *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música). A formação profissional e a investigação eram garantidas pelas Faculdades superiores: Teologia, Direito e Medicina. A U. foi-se mantendo nas suas linhas mestras até ao séc. XVIII. Na centúria seguinte vão as U. abandonando a autonomia que mantinham face ao poder civil, iniciando-se uma etapa de mais estreita vinculação a esse poder, de que é a expressão mais completa a U. de França, produto dos ideais da Revolução Francesa e da época napoleónica.

Por outro lado, o *cursus* universitário vai-se progressivamente diversificando, desenvolvendo um leque de carreiras universitárias até então não incluídas. Isto exige que a U. seja obrigada a criar novas Faculdades para ministrar o ensino das disciplinas indispensáveis à função docente no ensino secundário e ainda à preparação para o ensino de novas profissões. No séc. XX, e sobretudo depois da II Guerra Mundial, o desenvolvimento das ciências puras e aplicadas tornou-se o elemento essencial de sobrevivência das sociedades industrializadas. A necessidade de profissionais de alto nível revela-se factor muito importante, determinando a multiplicação de especializações nos cursos superiores que agora se estendem a largas camadas da população, e a U., instituição de formação de minorias, vê-se inundada por uma massa estudantil que dificilmente pode ser atendida. A esta situação há a acrescentar a criação de novas formas de comunicação e de informação de conhecimentos, que origina uma mutação profunda no conceito de professor universitário.

Embora a instituição universitária se